

## APRESENTAÇÃO

### História da saúde na América Latina (séculos XVI-XXI): instituições, sujeitos, debates e prática

Natália Ceolin e Silva<sup>1</sup>

Rhaine das Graças Mendonça Leal<sup>2</sup>

Nos últimos anos, as pesquisas na área de História da Saúde experimentaram importantes renovações epistemológicas, como a inclusão de novos objetos de estudo. Assim como, os contornos da noção de ciência se ampliaram permitindo considerar certas práticas, saberes e instituições relacionadas à saúde, que antes foram recusadas como próprias da disciplina. Em relação ao continente latino-americano, observamos que suas especificidades locais/regionais, assim como suas conexões com debates globais vêm sendo exploradas pelos historiadores. Dentre os temas mais contemplados, podemos destacar o reconhecimento dos saberes indígenas para tratamento de padecimentos do corpo e alma, atuação de práticas médicas não licenciadas em período colonial, instituições assistenciais da época moderna, produção de conhecimentos científicos na região e suas conexões com a comunidade científica global, e políticas sanitárias de cooperação internacional.

Nesse dossiê, os autores foram convidados a submeter propostas de artigos referentes às questões da saúde na América Latina em perspectiva histórica. Considerando a amplitude do tema, o objetivo foi reunir pesquisas de discentes que explorassem as relações entre a saúde e suas dimensões sociais, econômicas e políticas da região em quaisquer contextos. A seleção de textos aqui publicados nos permite afirmar o crescente interesse dos estudantes de graduação e pós-graduação por temas da área. Atribuímos essa tendência à consolidação experimentada nas últimas décadas pela área de estudo e ao episódio pandêmico que vem sendo experimentado desde 2020 pela comunidade global, que reforçou a ideia de doença como evento histórico de escala individual e coletiva.

---

<sup>1</sup> Natália Ceolin e Silva é doutoranda em História da América pela Universidad de Salamanca, mestra em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (2021) e especialista em História da América pela Universidad de Sevilla (2020). No doutorado, investiga assistência hospitalária nas cidades portuárias no Vice-reino do Peru e no Vice-reino do México (século XVIII). Suas pesquisas se concentram na História da medicina, pobreza e assistência na América hispânica (século XVIII).

<sup>2</sup> Rhaine das Graças Mendonça Leal é doutoranda em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS-COC), mestra em História pela mesma instituição (2020). Na tese em andamento, investiga a trajetória científica de Arthur Neiva a partir do estreitamento dos vínculos entre ciência e política, nas primeiras décadas do século XX no Brasil. As suas pesquisas se concentram na área de história da saúde e das ciências, a circulação de ideias em redes intelectuais e políticas na Primeira República e Era Vargas.

Por conta da pluralidade própria ao tema, os oito artigos que compõem esse dossiê abarcam temporalidades que vão desde as práticas de cura já no princípio da conquista do território americano no século XVI até políticas sanitárias assistenciais próprias do século XX. As pesquisas apresentam as diferentes abordagens e perspectivas pertinentes à História da Saúde na região latino-americana.

Destacamos o artigo de abertura do dossiê *Representaciones del oficio de la curación en conflicto. El licenciado Asensio Telles en Córdoba del Tucumán (1598)*. Através da análise de um famoso caso na historiografia argentina, um pleito judicial de um comerciante de escravos contra um médico português, Justo R. Tapia discute como a afirmação da medicina licenciada na época moderna esteve condicionada aos símbolos e representações sociais. As expectativas sobre a imagem do médico nos revelam a importância da construção de redes sociais para se afirmar e legitimar como autoridade no assunto da medicina.

Também considerando casos judiciais conhecidos pela historiografia da saúde como fontes reveladores para compreender as disputas hierárquicas sobre as práticas de cura na época moderna, temos o artigo *O local da diáspora africana na ciência global: circulação e assimetria pelos intermediários da cura no Brasil escravista do século XIX*. Jacques Ferreira Pinto em seu texto observa os estudos de casos de curandeiros não licenciados livres e escravizados desde uma perspectiva inovadora: admitindo os limites dos estudos sobre a natureza circulatória do conhecimento de Kapil Raj.

Seguindo a temática das práticas não licenciadas de cura no território brasileiro, apresentamos o artigo *A hermenêutica de Von Martius sobre as enfermidades e práticas de cura indígena na obra "natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros" de (1844)*. Roberto Ramon Queiroz de Assis observa a descrição de Karl Friedrich Philipp Von Martius, partindo de seu esquema mental ocidental, sobre o "outro" que nesse caso são os saberes indígenas sobre doenças e a forma que esses concebiam o adoecimento para além de um evento biológico.

Em seguida, apresentamos o artigo *Um olhar sobre o Tratado sobre la fiebre biliosa y otras enfermedades de Marcos Rubio Sánchez (1814) como fonte para história da saúde e doenças em Cuba*. Nesse artigo, Fillipe dos Santos Portugal e Barbara Barbosa dos Santos revelam o contexto da produção de conhecimento médico científico na ilha. Sendo assim, o tratado médico em questão representa o questionamento das explicações europeias que consideraram exclusivamente as determinações climáticas para explicar a propagação de febres nas Américas. Ao localizar a origem do mal na ingestão de líquidos, Rubio Sánchez evidencia a admissão de ideias neo-hipocráticas em território americano, que defendiam a organização das

cidades segundo as tópicas sanitárias, como a limpeza das ruas, para o controle de doenças e manutenção da saúde dos habitantes.

Contudo, a higiene urbana não se limitava na retirada de dejetos de animais e humanos, o aspecto social também influenciou tais empreendimentos. Dentro dessa perspectiva, alguns setores da sociedade foram identificados como propagadores de doença e desordem social e por isso deveriam ser removidos das ruas nas principais cidades europeias e americanas. As instituições assistenciais serviram então como reduto para tais grupos indesejados. Sobre esse assunto convidamos a leitura de dois artigos: o primeiro *Agasalho e sustento dessa gente: saúde e imigração no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX* e o segundo *Entre os “desherdados da sorte” e os “abandonados da saúde”: a imagem dos internos no Livro de Visitas do Asilo São Vicente de Paulo em Goiás (1909-1930)*.

No primeiro, Victor da Costa Santos aborda os debates científicos e as mudanças arquitetônicas nas instituições de assistência aos imigrantes que chegavam na cidade do Rio de Janeiro como alternativa de mão de obra no período pós-abolicionista. Por sua vez, o segundo apresenta a interiorização das práticas de assistência aos pobres e doentes em Goiás no século XIX, focando sua análise no Asilo São Vicente de Paulo. A partir de sua pesquisa, Rildo Bento de Souza nos responde uma pergunta cara à essa temática: quais foram as impressões dos cidadãos em relação às instituições assistências. Para isso, o autor dispõe de um conjunto documental alternativo àqueles utilizados por esses estudos, os livros de visitas que contêm comentários da população da cidade que visitou o interior do edifício. Como provocação, o autor nos questiona sobre as possíveis relações, não demonstradas, entre as teorias higienistas nas práticas e nos discursos institucionais com as questões raciais. Que por sua vez, nos conecta com o último artigo publicado pelo dossiê *Os perigos das amas de leite para a nação na obra de Emílio Joaquim da Silva Maia (1834-1859)*. Nesse último artigo, Diego Regio Giacomassi nos apresenta - através da análise da obra de Emílio Joaquim da Silva Maia, uma crítica à amamentação pelas amas de leite negras - a ideia de ciência médica como civilizadora e suas articulações com o projeto de construção da identidade nacional, tendo o corpo como elemento central de preocupação.

Finalmente, o dossiê se encerra com a entrevista concedida pela professora Dra. Patricia Palma. Professora de História das Ciências na Universidad de Tarapacá - Chile, Palma respondeu questões epistemológicas sobre a História da Saúde na América Latina, desafios e possibilidades da área de pesquisa, conectou experiências passadas com a crise sanitária produzida pela pandemia do Covid-19 e nos revelou seus próximos projetos investigativos.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!